

## SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS NA GRÉCIA

Daniel JACOB \*

Gostaria de começar por algumas reformas marcantes, no sistema educativo, ocorridas na Grécia no último decénio. Até 1983 entendia-se por "Faculdade de Letras" uma faculdade em que eram feitas obrigatoriamente todas as cadeiras e havia exames anuais. Para dar um exemplo: Quando eu era estudante tinha de frequentar ao todo 13 cadeiras diferentes para obter o diploma de Filologia Clássica. É claro que uma variedade tão grande pode afectar um estudo sistemático. O que é que aconteceu em 1983? As três Faculdades de Letras do país decidiram dividir-se por três departamentos autónomos. Assim, hoje, há em cada Faculdade de Letras um departamento para Filosofia, Psicologia e Pedagogia. O curso estende-se por 8 semestres e há exames no final de cada semestre. A situação é hoje melhor do que antigamente porque o estudante frequenta agora aulas teóricas e seminários que, do ponto de vista temático, são homogêneos. Este novo tipo de regulamentação tem grandes consequências, não apenas para o funcionamento e estrutura da Faculdade, mas também para o ensino liceal. O licenciado do departamento de filologia já não é coagido a ensinar matérias heterogêneas como, por exemplo, filologia e lógica, ou elementos da democracia parlamentar e planeamento profissional. Por outras palavras: os três departamentos formam pessoas que só têm que ver com o seu campo específico. Embora esta conclusão dê a impressão de ser trivial e óbvia, é estranho que o Ministério da Educação não tenha até hoje tomado medidas. Há, portanto, o perigo de recair no antigo modelo filológico que eu desejava apelidar de Sistema de Margites. Margites, pelos vistos, percebia de muita coisa, mas entendia tudo ao contrário.

---

(\*) Professor de literatura grega clássica na Universidade de Tessalonica.

Uma outra reforma fundamental, a de 1976, diz directamente respeito ao ensino de línguas clássicas nos liceus do país. A escolaridade obrigatória já não é apenas de seis anos de ensino básico mas sim de 9 anos. Os três anos acrescentados são designados por liceu enquanto os três últimos do antigo liceu com a duração de 6 anos são designados por Lyzeum. Infelizmente trata-se de uma divisão superficial e mecânica, que provoca novas dificuldades e não resolve qualquer problema. Esta reforma teve como consequência o facto de o ensino das línguas clássicas se reduzir ao Lyzeum. Nos três anos de liceu, na *Mittelstufe*, a base são traduções de autores gregos enquanto os textos latinos já não são tratados. Um dos argumentos principais, que conduziram à reforma, é uma crítica ao facto de o ensino das línguas clássicas ser ministrado de uma maneira muito formal, dando-se maior peso à gramática e às ninharias da língua. Esta crítica está certa mas não deve conduzir à eliminação do ensino de línguas clássicas. Eu sugeria a reactivação duma espécie de liceu humanístico para que, pelo menos aqueles que se interessam por filologia, possam estar a par das exigências da Faculdade. De outro modo existe o perigo de a Faculdade ter de assumir o papel que tiveram os liceus até 1976. É claro que o ensino necessita de nova orientação.

O ensino do latim limita-se ao Lyzeum e aos dois últimos anos. O aluno dedica-se ao estudo desta língua estrangeira duas horas por semana, ilustrada com alguns excertos de Lhomond, *De Viris Illustribus Urbis Romae* e 200 versos da *Eneida* de Virgílio. Este material constitui, na verdade, uma base muito estrita, não sendo suficiente para familiarizar o aluno com a literatura e cultura romanas e além disso este material exíguo é a única condição para a entrada na Faculdade de Letras. O latim tem de ser ali aprendido desde o início. Este fenómeno tem, naturalmente, a sua explicação histórica que só pode ser dada duma maneira vaga:

- 1) O orgulho nacional dos grandes autores gregos;
- 2) A educação esteve, durante os 400 anos de subjugação turca, nas mãos de monges ortodoxos e sacerdotes que se ligaram à tradição grega.
- 3) A ideia ingénua de que os textos latinos eram mera imitação de originais gregos.

Um último argumento é de outra espécie: muitos pedagogos eram a favor da total exclusão do ensino do latim, porque a sua aprendizagem não tinha maior valor que a de qualquer outra língua europeia.

Finalmente alguns pensamentos sobre a perspectiva das línguas clássicas na Grécia. Naturalmente só pode tratar-se deste tema por tópicos:

1. Enquanto não houver trabalho de equipa entre a universidade e o liceu, isto é, Lyzeum, é impossível reformar os currícula, o conteúdo e os objectivos do ensino das línguas clássicas.
2. Esta nova orientação podia seguir os métodos de R. Kanmicht e M. Furmann no sentido da literatura. É claro que isto não quer dizer que se teria de abdicar dos métodos consagrados.
3. Depois da reforma de 1976 o grego demótico impôs-se em todos os domínios da vida. Os alunos precisam, por isso, de mais aulas de língua senão não são capazes de ler e compreender textos de linguagem elevada (Katharvousa).
4. Na Grécia não há, à parte algumas excepções, nenhuma tradição na produção de edições comentadas e boas traduções. Esta é uma necessidade urgente.
5. O Estado tem que permitir as experiências didácticas e incrementar-las para verificar quais os métodos possíveis e quais os que são de preferir.
6. Os professores têm de se reciclar para se adequarem às novas exigências da escola. É um trabalho a fazer.

Pergunta: Qual o número de aulas de grego antigo?

Resposta: O grego antigo tem no 1º ano do Lyzeum 6 horas, no 2º 5, e no 3º, 5 por semana. Nos anos anteriores ao liceu, o grego antigo só é ensinado com traduções.